

Estudos de televisão no Intercom Nacional: uma revisão integrativa da produção científica sobre a TV distribuída na internet¹

Fabricia GUEDES²

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

Marcelo Bolshaw GOMES³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

RESUMO

Este artigo objetiva compreender como as pesquisas recentes abordam as mudanças no ecossistema televisivo advindas da distribuição do conteúdo audiovisual em rede. Recorrendo a uma revisão integrativa, e tendo como base de dados os Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação publicados entre os anos de 2015 a 2020, analisamos sete artigos que discutem a televisão distribuída na internet a partir de quatro categorias: legislação, fim/futuro da televisão, modelo de distribuição e práticas de consumo. Nesse percurso, identificamos que esses estudos se deslocam da centralidade da televisão enquanto mídia específica e ampliam os olhares para as televisualidades, considerando a fragmentação e diversificação das materialidades. Ou seja, de maneira geral, os textos apontam para uma linha teórica que sustenta a coexistência e convergência entre os atuais modelos de distribuição.

PALAVRAS-CHAVE: Televisão; Televisualidades; Streaming. Revisão integrativa.

INTRODUÇÃO

Tratando de distribuição, a televisão no Brasil é operacionalizada a partir da TV aberta (*broadcast*) e da TV multicanais⁴, a primeira é voltada para a massa, a segunda oferta pacotes de canais segmentados. Esses modelos tinham o aparelho de TV como o principal dispositivo de visualização de conteúdo. Mas, como Johnson (2019) destaca, com a internet há uma expressiva mudança no ecossistema televisivo. A onipresença da

¹ Trabalho apresentado no GP Estudos de Televisão e Televisualidades, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Integrante do grupo de pesquisa Gemini - Grupo de Estudos de Mídia - Análises e Pesquisas em Cultura, Processos e Produtos Midiáticos. Email: fabriakguedes@gmail.com

³ Professor-pesquisador do Programa de Pós Graduação em Estudos da Mídia. Coordenador do grupo de pesquisa Gemini. Email: marcelobolshaw@gmail.com

⁴ No Brasil a TV multicanais é associada a mais de uma nomenclatura: TV a cabo; TV paga; TV segmentada; TV por assinatura. Regulamentado, pela primeira vez, na Lei nº8.977/1995 como “serviço de TV a cabo”, esse serviço foi atualizado na Lei 12.485/2011, conhecida como “lei da TV paga”, que abrange a comunicação audiovisual de acesso condicionado, independente da tecnologia explorada. Balizados por Ladeira (2016) adotamos, portanto, o termo “multicanais” para nos referir a esse serviço.

internet, facilitada pelo aumento da banda larga, a tecnologia 4G e a popularização de *tablets* e *smartphones*, têm um papel significativo na disponibilização do conteúdo televisivo em rede.

A televisão, portanto, não está mais centrada exclusivamente no aparelho de TV. O conteúdo e os telespectadores, agora também chamados de usuários, movimentam-se por múltiplas telas. Novos agentes, como a Netflix e a Amazon Prime Video, vêm reconfigurando a indústria audiovisual baseados, principalmente, no modelo de distribuição de *vídeo-on-demand* (VoD) via *streaming*⁵. Salientamos que, apesar de não haver um consenso sobre a especificidade do campo midiático a qual esses serviços pertencem, – e, deixamos claro que, não é nossa intenção encontrar ou definir isso – defendemos que é possível identificar aspectos do *modus operandi* televisivo, mas não apenas deste, na configuração dessas plataformas.

Há uma extensa variedade de termos, tanto no mercado quanto na academia, para descrever esse cenário em que a televisão estende as suas operacionalizações para a internet, *Online TV*; *TV Everywhere*; *Streaming*; *Web TV*, são alguns deles. Partimos da “televisão distribuída na internet” (LOTZ, 2017)⁶ para compreender como as pesquisas científicas brasileiras estão abordando essa expansão. Cabe salientar que, não é a aplicação do conceito de Lotz que buscamos encontrar nos estudos aqui investigados.

Porém, perante a complexidade desse campo, foi preciso trazer um termo que aponte para as hodiernas configurações que estão ocorrendo no ecossistema televisivo. Por televisão distribuída na internet nos referimos, então, aos serviços que ofertam produtos audiovisuais explorando as práticas do mercado televisivo.

A partir de uma revisão integrativa, esta pesquisa se propõe a compreender como os estudos atuais estão discutindo as mudanças no ecossistema televisivo advindas dessa distribuição do conteúdo audiovisual em rede. Tendo como base de dados os Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizados pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), trazemos a análise de sete artigos publicados entre os anos de 2015 a 2020.

⁵ Apesar de muitas vezes serem usados como sinônimos, VoD (em português ‘vídeo sob demanda’) e *streaming* são diferentes, sendo o primeiro a disponibilização previamente selecionada de produtos audiovisuais, já o *streaming* refere-se à transferência de dados de servidores para aparelhos dos usuários.

⁶ Para Lotz (2017) a *internet-distributed television* são os serviços online, que ela denomina como portais, que distribuem séries produzidas de acordo com as práticas da indústria da televisão.

PERCURSO METODOLÓGICO

Visando ampliar a compreensão acerca das pesquisas que abordam a relação entre televisão e internet, trazemos como proposta metodológica a revisão integrativa que sistematiza e analisa estudos que abordam uma mesma temática. A revisão integrativa combina:

“[...] dados da literatura teórica e empírica, além de incorporar um vasto leque de propósitos: definição de conceitos, revisão de teorias e evidências, e análise de problemas metodológicos de um tópico particular.” (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010, p.103).

É preciso, portanto, percorrer etapas para o mapeamento e análise das pesquisas relevantes para a investigação. Balizados por Araújo et al (2021)⁷, sistematizamos a revisão integrativa neste estudo a partir de cinco etapas: 1) Definição da pergunta norteadora; 2) Seleção da base dados; 3) Busca na base de dados; 4) Seleção de artigos para análise; 5) Análise e resultados.

As etapas 01 e 02 desta sistematização estão diretamente interligadas, afinal a nossa pergunta norteadora, “Como as discussões em torno da ‘televisão distribuída na internet’ estão sendo abordadas no Intercom Nacional?”, já remete a base de dados selecionada, os Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizados pela Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

A Intercom, fundada em 1997, é uma instituição sem fins lucrativos que fomenta a interação entre a comunidade acadêmica (mestres, doutores, graduandos e graduados) e profissionais do mercado, estimulando, também, o desenvolvimento de produção científica.

[...] a instituição promove um congresso nacional – evento de maior prestígio na área de pesquisa em Comunicação, que recebe uma média de 3,5 mil pessoas anualmente, entre pesquisadores e estudantes do Brasil e do exterior.⁸

⁷ Araújo et al (2020) propõem quatro etapas: 1) Definição da questão norteadora e palavras-chave; 2) Seleção das bases de dados; 3) Busca nas bases de dados; 4) Análise dos resultados obtidos.

⁸ Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/a-intercom#>. Acesso em: 21 de janeiro de 2022.

Vale pontuar ainda que o evento nacional é precedido de cinco congressos regionais (Norte, Nordeste, Sul, Sudeste, Centro-Oeste), contudo esta pesquisa explora apenas o Anais do congresso nacional.

Após o recorte da nossa base de dados, partimos para a etapa 03. Nessa fase foi necessário aplicar alguns filtros para chegar à definição do *corpus* desta investigação. O primeiro filtro aplicado foi o período temporal das publicações, entre 2015 e 2020. Os demais filtros ajudaram a identificar as pesquisas que discutem a temática da nossa pergunta norteadora. Cabe salientar que, por recorrer a base de dados variadas, a maioria das revisões integrativas definem os filtros a partir de título e palavras-chave. No entanto, como este estudo concentra-se em uma única base dados, os Anais da Intercom Nacional, aplicamos os filtros a partir das Divisões Temáticas dos eventos e, posteriormente, dos Grupos de Pesquisa.

O Congresso Nacional da Intercom é composto por oito Divisões Temáticas, são elas: DT01 – Jornalismo; DT02 – Publicidade e Propaganda; DT03 – Relações Públicas e Comunicação Organizacional; DT04 – Comunicação Audiovisual; DT05 – Comunicação Multimídia; DT06 – Interfaces Comunicacionais; DT07 – Comunicação, Espaço e Cidadania; DT08 – Estudos Interdisciplinares de Comunicação. As Divisões Temáticas da Intercom recebem e analisam trabalhos de pesquisadores e atuantes do mercado, no entanto as pesquisas de graduandos e recém-graduados (até um ano após a conclusão do curso) são endereçadas ao *Intercom Junior*⁹.

A partir da leitura das ementas da Divisões Temáticas, a DT04 – Comunicação Audiovisual enquadrou-se nos nossos filtros. Composta por cinco Grupos de Pesquisa (GP Cinema; GP Estudos de Televisão e Televisualidades; GP Fotografia; GP Ficção Seriada; GP Rádio e Mídia Sonora), foi preciso, então, fazer uma nova mineração e o GP Estudos de Televisão e Televisualidades foi o escolhido. A partir dessa triagem, partimos para a etapa 04.

A etapa 04 foi subdividida em cinco fases que contemplam quatro leituras, desde a leitura do título e resumo até a leitura completa dos artigos, para direcionar a seleção dos trabalhos analisados. Após essa seleção, pulamos para a etapa 05, onde os artigos

⁹ O Intercom Júnior é um espaço acadêmico criado para acolher trabalhos de estudantes de graduação em Comunicação e também de recém-graduados (até um ano após a conclusão do curso). Os trabalhos inscritos, tanto nos congressos regionais quanto no nacional, devem seguir as divisões temáticas (DTs) e suas ementas, estabelecidas também para os grupos de pesquisa. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/eventos1/intercom-junior/apresentacao4> . Acesso em 21 de janeiro de 2022.

selecionados foram analisados minuciosamente. No Quadro 01 apresentamos as cinco etapas da nossa proposta de revisão integrativa.

Quadro 01: Etapas da revisão integrativa

ETAPA 01	ETAPA 02	ETAPA 03	ETAPA 04	ETAPA 05
Definição da questão norteadora	Seleção da base de dados	Busca na base de dados	Seleção de artigos para análise	Análise e resultados
Como as discussões em torno da “televisão distribuída na internet” estão sendo abordadas no Intercom Nacional?	Anais Intercom Nacional.	<p>Aplicação de filtros:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ano de publicação: 2015-2020 • Anais Intercom Nacional <ul style="list-style-type: none"> ○ Divisão Temática: Comunicação Audiovisual <ul style="list-style-type: none"> ▪ Grupo de Pesquisa: Televisão e Vídeo/Estudos de Televisão e Televisualidades 	<p>1ª leitura (título/resumo): 202 artigos</p> <p>2ª leitura (título/resumo): 24 artigos</p> <p>3ª leitura (título/resumo /introdução): 09 artigos</p> <p>4ª leitura (completa): 08 artigos</p> <p>Artigos selecionados para análise: 07 artigos</p>	Releitura e análise dos 07 artigos selecionados.

Fonte: Adaptado de Araújo et al (2021)

Trilhando as cinco etapas de revisão integrativa, aqui propostas, foi possível chegar à composição do nosso *corpus* documental. Como já é apontado no Quadro 01, a partir desse percurso, dentre os 202 artigos publicados no “GP – Estudos de Televisão e Televisualidades”, entre os anos de 2015 e 2020, sete artigos foram selecionados para a etapa 05 desta revisão, a fase da análise.

DEFINIÇÃO DO *CORPUS* DOCUMENTAL

Seguindo as etapas da revisão integrativa oito artigos foram lidos na íntegra. No entanto um trabalho revelou-se destoar das demais pesquisas selecionadas – visto que o seu objetivo é trazer uma tecnologia específica, a TV híbrida, como uma possibilidade a ser explorada pelo modelo de negócio da TV aberta no Brasil. Essa pesquisa não levanta questões acerca da televisão distribuída na internet, não contribuindo, portanto, para as elucidações da nossa pergunta norteadora. Sendo assim, apenas sete artigos passaram para a etapa 05, fase de análise dos trabalhos.

No Quadro 02 apresentamos o número de artigos publicados por ano. Como podemos observar, nos anos de 2016 e 2019 não foram publicados artigos que, de alguma maneira, ajudem a esclarecer a nossa pergunta norteadora. São os anos de 2020 e 2015, com três e dois artigos publicados, respectivamente, que trazem mais discussões acerca da proposta apresentada por esta pesquisa. Em 2017 e 2018 foram publicados dois trabalhos, um em cada ano, que debatem a temática aqui elencada.

Quadro 02: Número de artigos selecionados por ano de publicação (2015-2020)

ANO	Artigos publicados (1ª leitura)	Artigos selecionados (2ª leitura)	Artigos selecionados (3ª leitura)	Artigos selecionados (4ª leitura)	Artigos analisados
2015	41	06	03	03	02
2016	41	03	-	-	-
2017	35	05	02	01	01
2018	25	05	01	01	01
2019	19	01	-	-	-
2020	41	04	03	03	03
TOTAL:	202	24	09	08	07

Fonte: Elaborado pelos autores

A partir da triagem apresentada no Quadro 02, temos, então, os sete artigos que compõem o nosso *corpus* documental. No Quadro 03 trazemos as pesquisas selecionadas nesta revisão integrativa a partir das seguintes indexações: ano; título; autores e instituição/empresa de afiliação.

Quadro 03: Artigos selecionados para a etapa 05 da revisão integrativa

ANO	TÍTULO	AUTORES	AFILIAÇÃO
2015	A Morte Anunciada da TV Aberta: Realidade ou Mito?	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Bruno TAVARES ▪ Carla POLLAKE 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo ▪ Rede Record de Televisão
	Nova cultura visual? Netflix e a mudança no processo de produção, distribuição e consumo do audiovisual	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Miriam de Souza ROSSINI ▪ Aline Gabrielle RENNEN 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Universidade Federal do Rio Grande do Sul
2017	Netflix e a Nova Televisão: tecnologia, inovação e a nova prática de consumo	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Thiago da Silva ANDRADE ▪ Ed PORTO 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Universidade Federal da Paraíba
2018	Globo e Globo Play: o consumo de televisão entre dois modelos de distribuição	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Vanessa SCALEI 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
2020	A resiliência do <i>broadcast</i> : o Globoplay e as tensões jurídicas na constituição do <i>streaming</i> no Brasil	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Wesley Wadim Passos Ferreira de SOUZA 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Universidade do Vale do Rio dos Sinos (RS)
	Globoplay, Playplus E Youtube: Como Emissoras De Televisão Aberta Brasileira Se Inserem No Fenômeno Do <i>Streaming</i>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Carolina Santos FAGUNDES 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Universidade Federal de Sergipe
	Plataformas Streaming e as Reconfigurações no Modo de Assistir Tv: O Caso Netflix	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Paula Barreto de OLIVEIRA; ▪ Carlos Eduardo MARQUIONI 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Universidade Tuiuti do Paraná

Fonte: Elaborado pelos autores

Com o nosso *corpus* documental definido, partimos para etapa 05 da revisão integrativa. Nessa última fase da pesquisa foram desenvolvidas categorias de análise com o objetivo de que os trabalhos esclarecessem e/ou ampliam-se as questões acerca das

discussões em torno da televisão distribuída na internet. Essas ramificações serão apresentadas e discutidas no tópico seguinte.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após a definição do nosso *corpus* documental partimos para a leitura minuciosa dos artigos selecionados. Como primeiro resultado dessa etapa, identificamos quatro categorias temáticas que permeiam as discussões dos textos (Quadro 04). Há artigos que norteiam suas argumentações a partir de uma categoria principal, mas, ainda assim, tocam em, pelo menos, mais uma categoria temática.

A partir da nossa análise, identificamos que os textos, ao discutir sobre as dinâmicas da televisão distribuída na internet, alocam-se nas seguintes categorias: 1) legislação – temática voltada para a falta de normas e a possibilidade de regulamentação das plataformas de *streaming*; 2) fim/futuro da televisão – temática voltada para as discussões que trazem e/ou trouxeram previsões apocalípticas e futuristas sobre a televisão “tradicional”; 3) modelo de distribuição – temática voltada para a distribuição de conteúdo audiovisual via *streaming*; 4) práticas de consumo – temática voltada para as formas como o público assiste o conteúdo via *streaming*.

Quadro 04: Categorias temáticas encontradas nos artigos

AUTORES / ANO	CATEGORIAS			
	Legislação	Fim/Futuro da televisão	Modelo de distribuição	Práticas de consumo
TAVARES; POLLAKE, 2015		✓	✓	✓
ROSSINI; RENNER, 2015	✓	✓	✓	✓
ANDRADE; PORTO, 2017			✓	✓
SCALEI, 2018		✓	✓	✓
SOUZA, 2020	✓		✓	✓
FAGUNDES, 2020			✓	✓
OLIVEIRA; MARQUIONI, 2020			✓	✓
Total de artigos por categoria:	02	03	07	07

Fonte: Elaborado pelos autores

Como é apresentado no Quadro 04, as categorias “modelo de distribuição” e “práticas de consumo” aparecem nos sete textos. Ao revisitar a nossa pergunta norteadora, já é possível identificar que, de fato, a temática “modelo de distribuição” é uma pauta central nas discussões acerca da televisão distribuída na internet, que é confirmada nas argumentações apresentadas nos textos. A oferta de VoD via *streaming* é apontada como um modelo de distribuição que possibilita outras formas de escoar a produção televisiva. Quanto a temática “práticas de consumo” percebemos que ela é diretamente vinculada ao “modelo de distribuição”. Visualizamos que, em todos os textos, ao tratar desse modelo de distribuição na internet os autores tocam, necessariamente, nas novas formas de experienciar essa televisão. Essas duas temáticas, portanto, funcionam como uma espécie de coluna vertebral que liga as discussões em torno da televisão distribuída na internet.

Dentre os sete artigos analisados, “*A Morte Anunciada da TV Aberta: Realidade ou Mito?*” é o único que não é um estudo de caso. Nesse texto, Tavares e Pollake (2015) trazem ao centro da discussão as abordagens apocalípticas acerca da TV aberta. Os autores demarcam três momentos que ameaçaram a existência da TV aberta brasileira (1º: em 1990 com chegada da tv por assinatura; 2º: anos 2000 com a popularização da internet; 3º: 2005 com a web 2.0 e o YouTube). Ao construir esse percurso, Tavares e Pollake frisam a importância da TV aberta que “[...] continua sendo a principal fonte de entretenimento e informação para a maioria dos brasileiros”. (p.12).

Os autores reconhecem as mudanças oriundas das plataformas de vídeo sob demanda, mas pontuam que elas também reproduzem práticas já estabelecidas pelos “velhos” *players*. Tavares e Pollake admitem que as emissoras precisam se reinventar, no entanto a presença dos novos agentes não significa, ao menos tão cedo, a morte da TV aberta brasileira.

Os textos de Scalei (2018), Souza (2020) e Fagundes (2020) são estudos de caso sobre a plataforma de *streaming* do Grupo Globo¹⁰, a GloboPlay. Scalei (2018) traz uma comparação sobre o consumo da série de terror Supermax¹¹ na Rede Globo (canal da TV aberta) e na GloboPlay. Em sua análise, a autora conclui que a mera reprodução do mesmo produto em modelos de distribuição diferentes (*broadcast* e internet) não funcionou no caso de Supermax. Ainda que defendendo a convergência e complementariedade dos

¹⁰ O Grupo Globo é o maior conglomerado de mídia e comunicação do Brasil e da América Latina, composto pelas seguintes empresas subsidiárias: Globo, Editora Globo, Sistema Globo de Rádio e Globo Ventures, além de ser mantenedor da Fundação Roberto.

¹¹ A série é uma produção original do Grupo Globo.

modelos de distribuição existentes, Scalei pontua que é preciso respeitar as especificidades inerentes a cada um, e, conseqüentemente, a experiência de consumo.

As questões acerca da regulação da mídia são as temáticas norteadoras do texto de Souza (2020). De um lado, onde alocam-se a TV aberta e a TV multicanais, temos normas bastante consolidadas; do outro, onde a TV distribuída na internet opera, temos a, quase que total, ausência de regulação. Pautando o Grupo Globo como estudo de caso, Souza salienta a atuação da empresa nas três vertentes de distribuição da televisão (TV aberta, TV multicanais e internet). Nessa perspectiva, o autor traz o conceito de “convergência normativa”, em que defende a adoção de um marco normativo para os diversos modelos de distribuição audiovisual que contemple suas devidas particularidades, impondo, portanto, um tratamento não que deve ser idêntico, mas isonômico.

Além da GloboPlay, Fagundes (2020) traz, em seu estudo de caso, o PlayPlus e o YouTube a partir da entrada de três emissoras da TV aberta brasileira, Rede Globo, Record e SBT, na ambiência do *streaming*.¹² Considerando as diferenças encontradas na atuação dessas empresas, Fagundes conclui que não há um modelo a ser seguido pelos “velhos agentes” da TV na distribuição via internet. No entanto, a autora pontua que a operação desses *players* nesse mercado deixa traços nítidos do modelo *broadcast*, assim como do modelo multicanais.

Os trabalhos desenvolvidos por Rossini e Renner (2015), Andrade e Porto (2017) e Oliveira e Marquioni (2020) também exploram estudos de caso, focados, porém, na empresa Netflix. Apesar de ter a Netflix como recorte do *corpus* da pesquisa, o texto de Rossini e Renner (2015) perpassa todas as categorias aqui elencadas. As autoras colocam a Netflix como um possível paradigma de uma nova cultura audiovisual, destacando que a empresa não se enquadra no conceito que historicamente apreende a televisão, sendo um modelo híbrido entre TV e internet. Nesse panorama, Rossini e Renner questionam se a plataforma não seria, portanto, o futuro da televisão. Em contrapartida, as autoras salientam que tais mudanças restringem-se aos processos de distribuição e consumo, visto que não surgiram novos formatos ou novas estéticas. Esses novos agentes “[...] continuam

¹² Como vem sendo apontado, a GloboPlay é a plataforma de *streaming* do Grupo Globo. O PlayPlus é o serviço do *streaming* desenvolvido pelo Grupo Record. Já no caso do SBT, sabemos que o YouTube não faz parte da empresa, mas a emissora disponibiliza o seu conteúdo na internet através da plataforma de vídeos.

pensando os formatos audiovisuais tais quais foram estabelecidos pelos primeiros meios definidores desses campos: o cinema e a televisão.” (p.12).

O foco do texto de Andrade e Porto (2017) recai sobre as práticas de consumo. Para os autores a Netflix revoluciona o *home entertainment* com a mudança de comportamento de um consumidor passivo para um consumidor ativo e autônomo, a partir da quebra do fluxo televisivo, ou seja, da possibilidade do usuário escolher o programa que irá assistir, e da ampliação das formas de consumo, como o *binge-watching*¹³.

Também pautados pelas práticas de consumo, Oliveira e Marquioni (2020) trazem mais um estudo de caso sobre a Netflix. Os autores analisam as transformações no modo de experienciar o conteúdo televisivo fora do fluxo a partir das plataformas *streaming*. Após o percurso, que leva em consideração as formas culturais que antecedem e preparam a ambiência para esses novos agentes, Oliveira e Marquioni (2020) chegam a duas reflexões principais: 1) quanto ao *binge-watching*: defendendo que está acontecendo uma reformulação de uma prática já existente; 2) em relação a quebra do fluxo: questionam se há, de fato, um rompimento, visto que continuamos dentro um fluxo, desta vez, um fluxo planejado por essas empresas que determinam o lançamento desses produtos.

Após a explanação dos trabalhos analisados, a primeira questão que nos chama atenção é a quantidade de estudos de caso. Dentre os sete textos, seis enquadram-se nesse método. Destacamos, ainda, que essas pesquisas se dividem entre dois agentes desse mercado, três delas debruçam-se sobre a GloboPlay e as outras três sobre a Netflix. É interessante observar que as duas empresas escolhidas são pioneiras e lideram o mercado nacional, a Netflix foi a primeira a operacionalizar o serviço de *streaming* audiovisual por assinatura no Brasil, assim como no mundo, e é a plataforma internacional com mais assinantes no país; a GloboPlay foi o primeiro serviço nacional a entrar nesse mercado e obtém o maior número de usuários.

Ao observar o protagonismo da Netflix e da GloboPlay nas pesquisas aqui analisadas inferimos que, em razão do lugar que ambas ocupam nesse mercado, são esses grandes *players* que conduzem tanto os estudos acerca da televisão distribuída na internet, quanto moldam as práticas que são reproduzidas por agentes com uma menor projeção nessa indústria. No entanto, a centralidade nessas duas empresas revela a falta do alcance

¹³ Conhecido no Brasil como “maratonar séries”, o conceito refere-se à prática de assistir séries, ou outro produto seriado audiovisual, por um período prolongado e ininterrupto.

científico para um fenômeno que vai além do eixo hegemônico, afinal, devido ao grande número de plataformas de *streaming*, já existem discussões mercadológicas acerca da saturação desses serviços.

Ainda em relação aos dois agentes trabalhados nos estudos de caso, percebemos que as pesquisas que apreendem a Netflix levam essa empresa para um lugar paradigmático, sendo a responsável pela construção de uma nova cultura audiovisual e pelo futuro da televisão (ROSSINI; RENNER, 2015). Já os textos que focam na GloboPlay desviam-se mais de abordagens evolutivas acerca desses agentes, entendendo essas operacionalizações atuais enquanto uma maneira de expandir o mercado televisivo. Compreendemos que essas abordagens são sintomáticas do histórico dessas plataformas, visto que a Netflix surge em 1997 como uma locadora de DVDs e só em 2010 ela começa a distribuir VoD via *streaming*, ou seja, a empresa não tem origem em grupos de mídia. Em contrapartida, a GloboPlay faz parte do Grupo Globo que atua em variadas esferas midiáticas, sendo inclusive líder de audiência na TV aberta e na TV multicanais.

Um ponto que também merece destaque é escassez de debates que tensionem a interface entre direito e comunicação. Os serviços que exploram a televisão distribuída na internet estão em operação no Brasil há 12 anos, desde 2010, no entanto ainda não há dispositivos normativos que alcancem esse seguimento. Em nossa revisão integrativa encontramos apenas um trabalho que foca nessa esfera, o texto de Souza (2020). Rossini e Renner (2015) também trazem o assunto, mas apenas tocam na ausência de regulação para o setor e não estendem os apontamentos. O próprio Souza (2020) pontua que a temática regulatória tem pouco enfoque no campo da comunicação, salientando a importância de pesquisas que dirijam o olhar para essas questões.

Para finalizar, entrelaçamos as discussões apresentadas até aqui a alteração no nome do GP que compõe a nossa base de dados. Até o Congresso de 2015 o GP capturado pelo nosso filtro chamava-se “Televisão e Vídeo” e a partir de 2016 passou a ser intitulado como “Televisão e Televisualidades”. As mudanças no nome e ementa do referido grupo de estudo manifesta um alinhamento com as perspectivas teóricas dos estudos de televisão, a nível mundial, que se desprendem da centralidade em uma mídia específica, direcionando suas observações e apontamentos para a ampliação, fragmentação e diversificação de materialidades (MARQUIONI; FISCHER, 2020). O GP, portanto, considera televisualidades enquanto...

[...] mimetização ou lembrança de aspectos televisuais em outras mídias, suportes e fluxos, assim como o comparecimento, a ingerência ou a lembrança das lógicas operacionais, das estéticas e da linguagem da TV nesses outros dispositivos [...] ¹⁴.

Esse olhar que busca a ampliação e fragmentação de materialidades, considerando os aspectos televisuais explorados pelas plataformas de *streaming*, é identificado nos textos analisados nesta revisão integrativa. Nossa análise revela, portanto, que os estudos apresentados no Intercom Nacional entre 2015-2020 abordam a televisão distribuída na internet descentralizando as discussões acerca da própria televisão enquanto uma mídia específica, focando na compreensão das televisualidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta revisão integrativa conseguimos apreender algumas considerações sobre o panorama acerca das discussões que envolvem a televisão distribuída na internet publicados nos anais do Intercom Nacional entre os anos de 2015 a 2020. A primeira delas se refere a escassez de debates acerca da regulação da televisão distribuída na internet. Como foi apontando, mesmo diante de uma atuação de 12 anos dessas empresas no mercado brasileiro, tanto os aparatos jurídicos, quanto Academia parecem não dar a devida atenção para essa temática. Acreditamos, ainda, que as pesquisas que explorem essa vertente ajudariam, inclusive, o setor legislativo a entender melhor esse ecossistema.

Outro ponto apreendido neste percurso é a centralização dos textos em apenas dois agentes desse mercado, a Netflix e a GloboPlay. Pontuamos que esta revisão integrativa faz parte do levantamento bibliográfico da nossa pesquisa de doutorado, que contempla a temática aqui proposta. Sendo assim, até o início de 2021 mapeamos mais de 50 plataformas de *streaming* em atuação no Brasil. E, levando em consideração que os trabalhos aqui analisados foram publicados entre os anos de 2015 a 2020, salientamos que um número considerável dessas empresas já estava em exercício no ano de publicação dos textos. Desta maneira, entendemos que a dicotomia encontrada nessa revisão limita a compreensão desse fenômeno.

¹⁴ Parte da ementa do GP- Televisão e Televisualidades. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/eventos1/gps1/gp-estudos-de-televisao-e-televisualidades>. Acesso em 22 de janeiro de 2022.

A abordagem dessas pesquisas nesse eixo hegemônico nos mostra que, mesmo diante das mídias de função pós-massiva (LEMOS, 2007)¹⁵, as coisas não mudaram tanto assim. São as grandes empresas midiáticas, velhos ou novos agentes, que institucionalizam as práticas sociais e, assim, também são elas que atraem os olhares da maioria dos pesquisadores. Como Miller (2014, p.85) coloca, apesar do potencial multidistributivo das novas tecnologias e internet, “[...] tal como a impressa, rádio e televisão, cada meio é rapidamente dominado por corporações centralizadas e centralizadoras [...]”.

Apesar do dualismo das abordagens entre a Netflix e a GloboPlay, todos os textos, de maneira geral, alinham-se na defesa de que a televisão distribuída na internet é muito mais um outro tentáculo do mercado televisivo do que uma “assassina” dos modelos anteriores a ela. Percebemos, então, uma linha teórica que sustenta a coexistência e convergência entre esses modelos de distribuição. No entanto, ressalta-se, também, o entendimento de que a TV aberta e a TV multicanais precisam atualizar as suas práticas de acordo com as constantes mutabilidades desse ecossistema.

É interessante observar que as pesquisas compreendem a “televisão distribuída na internet” balizando-se muito mais nas televisualidades do que na própria televisão enquanto uma mídia específica. No entanto, apesar dessa ampliação do olhar científico para os aspectos televisuais em outras ambiências, destacamos a carência de abordagens que discutam as experiências, os agentes, os modelos para além das práticas hegemônicas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Thiago da Silva; PORTO, Ed. **Netflix e a nova televisão**: tecnologia, inovação e a nova prática de consumo. *In*: 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2017, Curitiba. Anais eletrônicos... Curitiba: Intercom, 2017. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-0015-1.pdf> . Acesso em: 15 de janeiro de 2022.

ARAÚJO, Ana Clara Costa de et tal. **Avaliação de campanhas de saúde**: uma revisão integrativa sobre a construção de indicadores. *Anuario Electrónico de Estudios en Comunicación Social “Disertaciones”*, v.14, n.2, jul/dez, 2021.

¹⁵ [...] As mídias de função pós-massiva, por sua vez, funcionam a partir de rede telemáticas em qualquer um pode produzir informação, liberando o polo da emissão, sem necessariamente haver empresas e conglomerados por trás. [...] O produto é personalizável e, na maioria das vezes, insiste em fluxos comunicacionais bi-direcionais (todos-todos), diferente do fluxo unidirecional (um-todos) das mídias de função massiva.

FAGUNDES, Carolina Santos. **Globoplay, Playplus, e Youtube**: como emissoras de televisão aberta brasileiro se inserem no fenômeno streaming. *In*: 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2020, VIRTUAL. Anais eletrônicos... Intercom, 2020. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-1061-1.pdf> . Acesso em 15 de janeiro de 2022.

JOHNSON, Catherine. **Online TV**. London and New York: Routledge, 2019.

LADEIRA, João Martins. **Imitação do excesso**: televisão, streaming e o Brasil. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2016.

LEMOS, André. **Cidade e mobilidade**. Telefones celulares, funções pós-massivas e territórios informacionais. *MATRIZES*, v.01, n.01, outubro 2007.

LOTZ, Amanda. **Portals**: a treatise on internet-distributed television. Ann Arbor: Michigan Publishing, University of Michigan Library, 2017.

MARQUIONI, Carlos Eduardo; FISCHER, Gustavo Daudt. (Orgs.). **Da televisão às televisualidades**: continuidades e rupturas em tempos de múltiplas plataformas. Belo Horizonte: PPGCOM/UFMG; Olhares Transversais, 2020.

MILLER, Toby. O agora e o futuro da televisão. *In*: CARLÓN, Mario; FECHINE, Yvana. (Orgs.). **O fim da televisão**. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2014.

OLIVEIRA, Paula Barreto de; MARQUIONI, Carlos Eduardo. **Plataformas de streaming e as reconfigurações no modo de assistir**: o caso Netflix. *In*: 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2020, VIRTUAL. Anais eletrônicos... Intercom, 2020. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-1723-1.pdf>. Acesso em 15 de janeiro de 2022.

ROSSINI, Miriam de Souza; RENNEN, Aline Gabrielle. **Nova cultura audiovisual?** Netflix e a mudança no processo de produção, distribuição e consumo do audiovisual. *In*: 38º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2015, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos... Rio de Janeiro: Intercom, 2015. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-2972-1.pdf>. Acesso em: 15 de janeiro de 2022.

SCALEI, Vanessa. **Globo e Globo Play**: o consumo de televisão entre dois modelos de distribuição. *In*: 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2018, Joinville. Anais eletrônicos... Joinville: Intercom, 2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0613-1.pdf>. Acesso em: 15 de janeiro de 2022.

SOUZA, Marcela; SILVA, Michelly; CARVALHO, Rachel. **Revisão integrativa**: o que é e como fazer. *Revista Einstein*, São Paulo, v.8, n.1, p. 102-106, Jan/Mar. 2010.

SOUZA, Wesley Wadim Passos Ferreira de. **A resiliência do broadcast**: o GloboPlay e as atenções jurídicas na constituição do streaming no Brasil. *In*: 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2020, VIRTUAL. Anais eletrônicos... Intercom, 2020. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-0631-1.pdf> . Acesso em 15 de janeiro de 2022.

TAVARES, Bruno; POLLAKE, Carla. **A morte anunciada da TV aberta**: realidade ou mito? *In*: 38º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2015, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos... Rio de Janeiro: Intercom, 2015. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-3286-1.pdf>. Acesso em: 15 de janeiro de 2022.